

REVISTA  
**espaço**ética

EDUCAÇÃO, GESTÃO E CONSUMO

SÃO PAULO, ANO II, N. 05, MAI./AGO. DE 2015

A young Black man is the central focus of the cover. He is sitting at a desk in a classroom filled with other empty desks and chairs. He is wearing a dark blue button-down shirt. He has a serious expression and is covering his mouth with both hands, with his fingers spread across his lips. The background is a slightly blurred classroom setting with wooden desks and metal chairs.

**O sistema educacional  
brasileiro torna vulnerável o  
exercício da democracia?**



**7 Editorial****DOSSIÊ**

- 14 Burocracia, tecnicismo alienante e mercantilismo: traços antidemocráticos no sistema educacional brasileiro**  
Autor: Renato Nunes Bittencourt
- 24 O discurso presente no manifesto dos pioneiros da educação nova: um documento de natureza política, refletindo um imaginário social, como força reguladora da vida coletiva**  
Autor: Maria Lúcia Wochler Pelaes
- 34 Do ódio verbal contemporâneo**  
Autor: Paulo Ghiraldelli

**ARTIGOS**

- 42 Consumo como *promenade***  
Autor: Inês Filipa Teixeira Amaro Alves
- 49 Educação: O papel que cabe a cada qual e algumas reminiscências**  
Autor: Eduardo de Campos Garcia
- 59 Sociedade civil: um conceito importante para se pensar ética profissional**  
Autor: Dr. João Luiz Carneiro
- 65 A definição de “arte” e a Filosofia Analítica**  
Autor: Jean Rodrigues Siqueira

## COLUNAS

### **74 Educação para o convívio**

Autor: Flávio Tonnetti

### **77 Paz no futebol: Em defesa da educação e do diálogo com o(a) torcedor(a)**

Autor: Felipe Lopes

### **82 Cognição, cultura e educação**

Autor: Renato Bulcão de Moraes

## PENSAMENTO RELIGIOSO

### **86 A relevância do estado democrático na filosofia budista**

Autor: Fausto Motter

### **90 A democracia pode florescer no Islã?**

Autor: Alon Ben-Meir

### **92 Orientação aos autores**

# REVISTA espaçoética

EDUCAÇÃO, GESTÃO E CONSUMO

Revista Interinstitucional do Espaço Ética Ltda. e do Departamento de Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

São Paulo, Ano II, n.5, mai./ago. 2015

ISSN: 2358-0224

## EDITOR RESPONSÁVEL

Arthur Meucci (ECA-USP/Mackenzie/Espaço Ética)

## COMISSÃO EDITORIAL

Clóvis de Barros Filho (ECA-USP/Espaço Ética), Felipe Tavares Paes Lopes (Unicamp), Flávio Américo Tonnetti (FE-USP), Luiz Peres-Neto (ESPM), Sérgio Rodrigo Praça (UFABC)

## CONSELHO EDITORIAL

Artur Matuck (ECA-USP), Cassiano Terra Rodrigues (PUC-SP), Doris Martines (Universidad de Puerto Rico), Eduardo Campos Garcia (Mackenzie/UniNove), Fernanda Nardy Ballicieri (Mackenzie), João Anzanello Carrascoza (ECA-USP/ESPM), Júlio César Pompeu (UFES), Juremir Machado da Silva (PUC-RS), Leandro Leonardo Batista (ECA-USP), Maria Aparecida Baccega (ESPM), Mário René Schweriner (ESPM-SP), Ricardo Thornton (Inta-Argentina), Regina Célia Faria Amaro Giora (Mackenzie), Regina Maria Simões Tancredi (Mackenzie), Renato Bulcão (MIS), Renato Nunes Bittencourt (UFRJ), Valéria Brandini (ECA-USP).

## ESPAÇO ÉTICA LTDA.

Sócio-diretor: Clóvis de Barros Filho

Sócia-diretora: Karina de Andrade Macieira Barros

[www.espacoetica.com.br](http://www.espacoetica.com.br)

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Marco Antonio Zago

Vice-reitor: Vahan Agopyan

[www5.usp.br](http://www5.usp.br)

## ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Diretora: Margarida Maria Krohling Kunsch

Vice-diretor: Eduardo Henrique Soares Monteiro

## LINHAS DE PESQUISA:

1. ECA-USP: Comunicação, Poder e Cultura Organizacional
2. EACH-Mackenzie: Culturas e Artes na Contemporaneidade
3. ESPM: Atos - Comunicação e consumo: estudos de recepção e ética

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:** Ana Carolina Ermel de Araujo

**REVISÃO:** Hebe Ester Lucas

# REVISTA espaçoética

EDUCAÇÃO, GESTÃO E CONSUMO

Revista Espaço Ética. Rua Maranhão, 620, cj. 141,

Higienópolis – São Paulo – SP CEP 01408-001

[www.revistaespacoetica.com.br](http://www.revistaespacoetica.com.br)

[revista@espacoetica.com.br](mailto:revista@espacoetica.com.br)

Publicação indexada no



Edição 5- Mai/Ago 2015  
 Capa: Imagens: Stockfresh.com e Morguefile.com  
 Contracapa: Imagem: Freeimages.com  
 Criação: Ana Carolina Ermel de Araujo  
 Circulação: Quadrimestral



# Pague para entrar e leia tudo que está lá!

A maior banca digital de jornais e revistas do Brasil.



Leia a edição atual e anteriores.\*\*\*

3,49  
por semana.\*

Envie um SMS para o número "6050" com a letra "J" do seu vivo e assine já.

Para quem não é cliente vivo, entre no site [www.nuvedojornaleiro.com.br](http://www.nuvedojornaleiro.com.br).

- Jornais de todas as regiões do Brasil.
- Mais de 200 diferentes revistas de diversas categorias.\*\*
- Notícias de mais de 150 países das Agências de Notícias: EFE e AFP.



nuvem do  
jornaleiro

\* Preço válido para clientes vivo. \*\* Número sujeito a alteração. \*\*\* Cada produto tem um histórico com 12 edições.



Baixe as edições através  
do aplicativo **Nuvem do Jornaleiro**  
e experimente.



Exclusividade  
operadora

vivo

[www.nuvedojornaleiro.com.br](http://www.nuvedojornaleiro.com.br)

## O sistema educacional brasileiro torna vulnerável o exercício da democracia?

Arthur Meucci<sup>1</sup>

Muitos leitores estavam esperando uma edição sobre a gestão de recursos escassos, pois esta foi a chamada do nosso dossiê, publicada no início do ano, no intuito de reunirmos reflexões acadêmicas sobre as crises hídricas e energéticas que assolam algumas regiões do nosso país. Não desistimos dessa temática, somente prorrogamos para o próximo número.

Esta edição surgiu das manifestações de março de 2015, em que grupos sociais tomaram as ruas do país pedindo o fim da corrupção. Porém, teve destaque grupos que pediam um golpe civil ou militar contra o *estado democrático de direito*. Setores elitistas da nossa sociedade mobilizaram grupos jovens para reivindicar manobras políticas ilegais e eticamente condenáveis, utilizando os mesmos discursos anacrônicos alardeados em 1964. A pergunta que muitos acadêmicos do país se fez foi: como a sociedade retrocedeu a este ponto? Como pode existir uma parcela da população que prega a volta de um regime autoritário e violento? Por que a sociedade brasileira tem tanta dificuldade em aceitar políticas de justiça social ou processos democráticos de decisão? Muitos atribuem esses fenômenos ao sistema educacional vigente no Brasil. Mas essa percepção do senso comum acadêmico tem respaldo na realidade? Se sim, poderíamos considerar a educação como a única responsável?

Quando olhamos atentamente para a história do nosso país, constatamos que esse espírito antidemocrático e corrupto sempre esteve presente em nossa cultura. A monarquia brasileira no século XIX reunia um sistema político e de organização estatal que atendia aos privilégios de uma elite próxima do monarca, logo não havia uma separação entre os interesses da nobreza e a atuação do Estado – característica que marca um regime republicano de governo (*res publica* = coisa do povo).

O professor de filosofia e atual Ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, em seus textos sobre política problematiza a diferença entre democracia e república. Ele argumenta que existem monarquias republicanas, como é o caso da Suécia, onde o monarca é o chefe de Estado, mas a Constituição do país não faz distinção jurídica entre os cidadãos e proíbe privilégios no uso da máquina pública. Como também podem existir democracias antirrepublicanas, como é o caso do populismo na Venezuela ou dos segregacionistas como é o caso do México (onde o termo “república” virou mera apresentação formal).

Assim, para resumirmos, poderíamos dizer que enquanto a democracia tem no seu cerne o anseio da massa por ter mais, o seu desejo de igualar-se aos que possuem mais bens do que ela,

<sup>1</sup> Bacharel, licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo, doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, formado em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Psicanálise. Professor do Museu da Imagem e do Som, membro da Associação Filosófica Scientiæ Studia e editor-chefe do Espaço Ética. arthur@espacoetica.com.br



e portanto é um *regime do desejo*, a *república* tem no seu âmago uma disposição ao *sacrifício*, proclamando a supremacia do bem comum sobre qualquer desejo particular. Evidentemente, é possível criticar a *república* dizendo-se que o suposto bem comum é, na verdade, um bem de classe, e que os sacrifícios que se fazem em nome da Pátria são desigualmente repartidos e, sobretudo, jamais põem em xeque a dominação de um pequeno grupo sobre a maioria. Mas o que eu gostaria de enfatizar na temática republicana é a ideia de *dever* que nela está saliente. (RIBEIRO, 2000, p. 18)

O Brasil passou a se denominar “republicano” em 1889, com um golpe de estado operado pelo exército com apoio de setores da elite nacional, orquestrado por políticos de São Paulo que não aceitaram o fim da escravidão. Após os governos autoritários do marechal Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto, estabeleceu-se o regime democrático, mas não o republicano. As elites que alternavam o poder continuavam utilizando os aparatos estatais em interesse próprio e excluindo a maioria da população dos benefícios estatais. A chamada “república do café com leite”, mancomunada pelos dois Estados mais populosos do país, São Paulo e Minas Gerais, utilizava a máquina pública para favorecer suas elites, excluindo os interesses de outras regiões brasileiras – na contramão do conceito de república.

Com o golpe de estado que leva Getúlio Vargas ao poder em 1930, deparamos com um fato inédito: Getúlio não era um amante da democracia, porém tinha alguma simpatia pelo espírito republicano. Sua defesa do voto feminino e sua inclusão na política, a expansão dos serviços públicos para toda a população e suas políticas de defesa das leis trabalhistas causaram um avanço social ímpar na história do Brasil e, obviamente, levou a uma guerra civil contra São Paulo. Tornou-se *persona non grata* nos ciclos elitistas do país – tornando seu regime menos democrático e mais populista. Seu governo deixou uma marca cultural nas classes trabalhadoras, que passaram a associar “republicanismo” e “justiça social” a governos “autoritários” e “antidemocráticos”. O ódio da elite contra o seu governo popular culminou na sua morte.

Após Vargas surgiu uma série de governos democráticos e republicanos, alcançando o seu ápice com as reformas sociais de Jânio Quadros e João Goulart. A década de 1960 foi especialmente preocupante, pois os meios de comunicação relatavam os movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, com criação de cotas e leis de inclusão social. A elite econômica, assustada com a possibilidade de uma democracia social-racial no estilo americano, com a perda de seus privilégios, se une ao exército e instauram uma brutal ditadura em nosso país por meio da criação do “fantasma comunista” (leia-se: continuação de governos democráticos, verdadeiramente republicanos e de inclusão social). Eles instauraram um enorme esquema de corrupção estatal que causou um grande retrocesso político e social. A hiperinflação e o sucateamento do Estado recriaram um abismo social semelhante aos tempos da monarquia. Assim como os ricos, todo branco de classe média poderia ter serviços domésticos a preços módicos morando em um quatinho para não morrerem de frio ou fome na calçada. Entretanto, os militares eram muito violentos e começaram a torturar e matar estudantes e jornalistas, logo precisavam ser substituídos por governantes menos violentos.

Na primeira década da redemocratização, a palavra de ordem foi o fim do estado republicano por meio das privatizações. Começaram pelos serviços menos essenciais, como siderúrgicas e empresas de telefonia, e avançaram em larga escala para o sucateamento da saúde, da educação e da segurança para justificar sua venda em nome da “eficiência”. Enquanto os teóricos do liberalismo se pautavam pela liberdade e igualdade de oportunidades, no Brasil as ideias liberais serviram como justificativa de coerção econômica da população e exploração do trabalhador. A elite não contava que sua política pseudoliberal<sup>2</sup> levaria a uma crise social tão aguda que terminaria por eleger um governo de esquerda.

Há mais de uma década presenciamos um governo democrático de orientação trabalhista. Vivemos um momento político mais democrático do que na época de Getúlio Vargas, com um governo que promoveu a retomada dos ideais republicanos. Porém, não podemos categorizá-lo como totalmente republicano, pois utilizou a corrupção estatal para comprar a governabilidade do país aos moldes do seu rival político, defensor do pseudoliberalismo.

A última década do atual governo trabalhista tornou as estatais mais eficientes, promoveu programas de distribuição de renda, aumentou o poder aquisitivo do trabalhador, instituiu programas de cotas, promovendo assim uma série de políticas públicas que desagradou a elite e a velha classe média, que ainda não aceitou a “alforria” promovida pela PEC das domésticas. Os incontáveis avanços sociais não justificam os esquemas de corrupção, porém não se pode culpar uma só pessoa ou partido por um sistema político arquitetado para ser corrupto.

Chegamos aqui ao problema central do dossiê. Em vez de uma parte da população ir às ruas exigir dos governantes uma reforma no sistema político, campanhas eleitorais mais justas, transparentes, e o fim dos esquemas de corrupção com a punição de todos os envolvidos, defendendo o estado democrático, vimos seus organizadores defender “intervenção militar” e “impeachment sem base legal”<sup>3</sup>.

---

2 Chamo o discurso vigente de *pseudoliberal* porque ele não é liberal de fato. Os liberais propõem a adoção do livre-mercado, de políticas de incentivo econômico para empresários e cidadãos, o que não significa necessariamente sair privatizando todo o serviço público. Todo liberal se preocupa com políticas de igualdade social, pois isso torna a competição no mercado mais justa. Uma das maiores marcas deixadas pelos governos liberais é a adoção de uma política educacional pública de qualidade no intuito de dar oportunidades iguais em uma mesma escola, para ricos e pobres, o que nunca aconteceu de fato. A nossa elite econômica utilizou o discurso liberal para justificar medidas políticas de segregação e controle social.

3 Não seria correto generalizar todos os cidadãos que decidiram ir às ruas, pois as pesquisas do sociólogo Pablo Ortellado com os manifestantes no dia 12 de agosto de 2015 mostram que a maioria das reivindicações políticas estão mais à esquerda do atual governo, totalmente na contramão dos grupos sociais que organizaram os protestos. <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-manifestantes-de-16-de-agosto-9588.html>>. Acessado em 20 de agosto de 2015.

Em vez de exigir a consolidação do Estado republicano, pedem o fim dos programas de justiça social e promovem o discurso do ódio contra negros, nordestinos e pobres. A maioria das justificativas apresentadas não levam em consideração o bem comum, mas reivindicações egoístas sobre os impostos que pagam e a diminuição dos benefícios estatais para a classe média e rica. Por que continuamos repetindo esses lamentáveis fatos históricos? Qual é o problema de determinados setores da sociedade em aceitar um governo republicano e democrático?

A educação brasileira certamente contribuiu para a reprodução desse fenômeno. Mesmo após o fim da ditadura civil-militar, mantivemos as escolas públicas sucateadas e as mesmas estruturas de funcionamento. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), um avanço significativo em termos legais para melhorar a educação no país, não obteve vontade política suficiente para se fazer cumprir. O programa curricular criado pelos militares, sem tangência com a nossa realidade, foi mantido e a única diferença significativa recente foi a volta das disciplinas de filosofia e sociologia ao ensino médio. Por que continua da mesma forma?

A proposta do dossiê não oferece respostas para todas as indagações, mas nos ajuda a pensar o problema de uma perspectiva interdisciplinar, cortejando conceitos importantes nas esferas das ciências humanas.

O primeiro artigo do dossiê, escrito por Renato Nunes Bittencourt, descreve os tecnicismos e traços ideológicos neoliberais na educação que não viabilizam um projeto de emancipação cultural, social e política, mantendo as estruturas burocráticas do ensino, a precarização das condições de trabalho docente e a recorrente desvalorização da figura humana nas instituições de ensino.

Maria Lúcia Pelaes retoma o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 para repensar o sistema de educação pública no Brasil. Seu trabalho de historiografia, abordando a educação antes da ditadura civil-militar, denunciava a preocupação em se reestruturar o ensino segundo ideais livres e democráticos no intuito de evitar que as estruturas autoritárias das escolas fossem



reproduzidas na sociedade brasileira, o que de fato ocorreu. Mesmo com sua concepção de educação burguesa e liberal, o Manifesto uniu intelectuais de outras correntes ideológicas por sua preocupação com a liberdade, o republicanismo e a democracia.

O filósofo Paulo Ghiraldelli propõe uma reflexão sobre educação e democracia por meio da análise do discurso do ódio contemporâneo. O autor nos alerta para o fato de que não se pode classificar seus enunciadores como fascistas, pois eles não pertencem a um movimento organizado capaz de alterar a personalidade dos seus membros.

Em nossa seção de artigos livres, a pesquisadora lusitana Inês Filipa Alves propõe analisarmos as relações de consumo sob a ótica do conceito arquitetônico de *promenade*. O educador Eduardo Campos sugere uma análise da escola como constituidora dos corpos como matéria e símbolo. O filósofo Jean Siqueira faz uma exegese do conceito de arte segundo o referencial teórico da filosofia analítica. João Luiz Carneiro escreve sobre a ética profissional segundo o conceito habermasiano de sociedade civil.

Contamos nesta edição com a coluna de Flávio Tonnetti, que escreve sobre como a educação não nos prepara para as relações de convívio, tendo um traço alienante e desumano. Felipe Lopes discorre sobre as relações entre manifestações de violência e de paz no futebol. Renato Bulcão nos apresenta suas leituras do livro *Cognition in the wild*, escrito por Edwin Hutchins.

Na seção Pensamento Religioso, o estudioso budista Fausto Motter escreve sobre a íntima relação entre a educação budista e o respeito aos governos democráticos. O mestre em Filosofia e doutor em Relações Internacionais Alon Ben-Meir apresenta um artigo analisando as dificuldades que sociedades monoteístas como as islâmicas enfrentam na tentativa de conviver com a democracia.

O dossiê sobre os problemas na gestão e consumo de recursos naturais ficará para a próxima edição. Os interessados em escrever para o próximo número podem consultar as instruções no site da revista e enviar o artigo para apreciação.

Boa leitura!

RIBEIRO, Renato Janine. Democracia versus República: a questão do desejo nas lutas sociais. In: BIGNOTTO, Newton. *Pensar a República*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000

# hsm

Quebre os seus paradigmas e  
mude o pensamento corporativo

Aceite este provocador convite, saiba mais sobre a ética corporativa além das fórmulas prontas e discursos dominantes. Adquira o livro o quanto antes.

# O executivo e o martelo

Reflexões fora da caixa  
sobre ética nos negócios



Eugenio

Essa é a proposta de Clóvis de Barros Filho e Arthur Meucci em seu livro *O executivo e o martelo*: destruir a golpes de martelo os alicerces das já ultrapassadas práticas corporativas e promover o poder da reflexão, do bom senso e da própria razão.



Clóvis de Barros Filho

Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, e em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, doutor em Direito pela Universidade de Paris e doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP.

Arthur Meucci

Bacharel, licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo e doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Formou-se em Psicanálise pelo IBCP, com aperfeiçoamento em Psicanálise de Casal e Família pelo Sedes Sapientiae.



Pronto para dar início às suas próprias marteladas?



Adquira já o seu livro nas  
principais livrarias do País!

© 2013 HSM Editora | Todos os direitos reservados.

# hsm